

Relação entre as características do ambiente (habilidades sociais dos adultos) e o comportamento de uma criança com esclerose tuberosa

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é, baseado na experiência da autora em um caso de AT de uma menina de 5-6 anos com esclerose tuberosa, analisar, sob enfoque da análise do comportamento, as relações entre o ambiente e o comportamento da criança acompanhada, trazendo a compreensão de como essa relação se torna mais funcional e saudável, propondo uma reflexão sobre a importância do ambiente para o equilíbrio do caso. O acompanhamento terapêutico foi realizado durante 9 meses, por indicação do hospital oncológico em que a cliente era vinculada, para colaborar no trabalho com queixas comportamentais. Queixa inicial: comportamentos de se jogar no chão, desobediência, birra, mandos hostis, bater ou ameaçar. Após análise funcional dos comportamentos da criança e dos ambientes escolar e familiar, observa-se que nestas interações, na maior parte do tempo, havia alto nível de coerção e controle disfuncionais e baixos níveis de reforçamento positivo, pois Raquel recebia pouca atenção e havia baixa variabilidade de ofertas de atividades. Constatam-se dois padrões de ambiente, representados principalmente pelos adultos da vida de Raquel em casa e na escola. No geral, quando o ambiente é adequado, o comportamento de Raquel muda e seu repertório pode ser expandido, com a diminuição drástica das queixas iniciais.

Relação entre as características do ambiente (habilidades sociais dos adultos) e o comportamento de uma criança com esclerose tuberosa

Este trabalho trata de uma análise derivada de uma experiência em acompanhamento terapêutico. A cliente em questão será denominada Raquel e tem 5 a 6 anos de idade. Raquel é paciente de um hospital oncológico devido à esclerose tuberosa, uma síndrome que forma tumores por todo o corpo e exige acompanhamento contínuo de teor preventivo. A equipe de psicologia do hospital indicou Raquel a trabalho de Acompanhamento Terapêutico (AT), para contribuir no atendimento às queixas comportamentais. Queixa inicial, segundo relatos dos pais: jogar-se no chão, berrar e chorar, desobedecer, fazer birra, mandos hostis, bater e ameaçar, generalizadamente, em todos os ambientes. Problemas de comportamento que podem ser definidos como excessos ou déficits comportamentais que prejudicam as interações sociais da criança. (Bolsoni-Silva e Marturano, 2007; Assis, 2017).

A esclerose tuberosa pode apresentar alterações neurológicas e de comportamento, dessa forma, era comum à família e a alguns funcionários das escolas frequentadas por Raquel atribuírem os problemas de comportamento de Raquel à doença, até mesmo mencionando um laudo que parecia ter certo poder de determinação para essas pessoas. Visto isso, pensou-se ser importante uma análise do ambiente em que Raquel vive, e da relação dos variados ambientes com o seu comportamento (bem como a correspondente variação).

Apesar dos relatos afirmarem que os problemas de comportamento se generalizavam em todos os ambientes, através da observação e entrevistas com os adultos da vida de Raquel, foi possível perceber que em alguns momentos e ambientes a frequência da incidência dos comportamentos disruptivos era muito maior, e em outros a frequência era muito mais baixa.

Logo, foi possível observar semelhanças e diferenças dos contextos em que ocorriam esses comportamentos. Assim, o foco desta análise será o ambiente e a sua relação com o comportamento de Raquel, pois, para a análise do comportamento, “comportamento é a relação entre o ambiente e ações de um organismo” (Zilio, 2010, p. 69).

“O ambiente é qualquer evento que afete o organismo, podendo ser tanto os estímulos eliciadores ou discriminativos quanto os eventos consequentes da ação” (Zilio, 2010, p. 69). No presente caso, analisaremos como ambiente, os comportamentos dos adultos da vida de Raquel, que são o principal contexto para o comportamento de Raquel: pais, professores e funcionários das escolas e até mesmo a at, principalmente quanto ao papel das habilidades sociais e educativas, ou seja, às formas de interagir com Raquel.

Habilidades Sociais Educativas são o conjunto de habilidades sociais aplicáveis à prática educativa, por exemplo estabelecer limites e regras e reforçar positivamente comportamentos adequados (Silva 2000, apud Bolsoni-Silva e Marturano, 2007).

O AT foi realizado por 9 meses, nos locais: pré-escola, escola (1º ano) (ambas período integral), e em domicílio. (Porém, no início do tratamento, Raquel mais faltava do que ia à escola). Desta forma, foi possível a observação de vários ambientes em que os comportamentos de Raquel ocorriam. A partir das observações, percebeu-se que Raquel não se comportava de maneira tão extrema quanto os relatos dos adultos, já mencionados, do seu convívio. Era uma criança alegre, carinhosa e gentil que em vários momentos mudava o tom e passava a ter comportamento do tipo opositor, recusando-se a obedecer comandos e regras provenientes de figuras de autoridade, fazendo o contrário, proferindo frases desafiadoras e de oposição a estas figuras. De fato, havia momentos em que Raquel se aproximava do relatado “ataque de nervos”, gritando, chorando e se jogando no chão. Isso acontecia em situações variadas, principalmente quando Raquel era requisitada a fazer algo que não queria, ou quando queria muito algo que não obtinha. Mas também: quando os

professores insistiam em ordenar algo que Raquel não obedeceria; quando a intensidade de estímulos aversivos se intensificava no embate com os professores ou colegas; quando havia um público em potencial; quando era ignorada. Além disso, quando tudo parecia calmo, fatores relacionados à ocorrência destes comportamentos são operações estabelecedoras, como a fome e o sono de Raquel, que eram frequentes devido à falta de regras em sua casa.

O Modelo de Patterson (1982) demonstra o papel das relações familiares na construção de padrões comportamentais nos filhos. Segundo Patterson, relações coercitivas entre os pais e a criança podem produzir e exacerbar comportamentos antissociais (Patterson, 1982 apud Perguer et al., 2007). Problemas de comportamento do tipo externalizantes, funcionam como um contra-controle contra comportamentos aversivos de familiares, reduzindo-os (Patterson et al 2002, apud Bolsoni-Silva e Del Prette, 2003).

Pergher et al (2007) afirmam que:

É consistentemente verificado que o comportamento disfuncional infantil é uma resposta a uma inadequação dos pais/ cuidadores quanto à disciplina da criança, a qual é marcada pela inconsistência. Há uma alternância entre a intransigência e permissividade, criando um ambiente imprevisível, por vezes, hostil. [...] Dados os vínculos familiares coercitivos, tanto os pais quanto as crianças aprendem que podem obter aquilo que desejam por meio de práticas impositivas. Nesse sentido, há um círculo vicioso cujo principal motor é o reforçamento negativo (p. 228, 2007).

Essas afirmações vão ao encontro das análises no caso de Raquel, já que os comportamentos problemáticos ocorriam, na grande maioria das vezes, em resposta ao controle aversivo dos pais e de funcionários da escola. Evidentemente, Raquel tinha baixa tolerância à frustração, e baixo autocontrole que necessitavam ser trabalhados. Porém, quando Raquel era tratada com consideração, carinho e respeito, sem autoritarismo, mas com estabelecimento

de regras de modo claro e assertivo pelas professoras do “ambiente tipo B” (tabela abaixo), Raquel respondia adequadamente, obedecia e era gentil.

Bolsoni-Silva e Del Prette (2003) apresentam, em revisão, variáveis que podem aumentar a probabilidade de surgimento ou manter respostas consideradas como problemas de comportamento. No presente caso, destacam-se:

Quanto às características dos pais na interação com a criança: Déficits em habilidades sociais educativas, como: monitoramento parental, disciplina, resolução de problemas, reforçamento positivo. Pouco interesse dos pais pela escola da filha (não iam a reuniões, permitiam muitas faltas), pouca integração escola-família. E por fim, baixo nível de instrução e desvantagem socioeconômica.

Uma forma de solucionar o comportamento disfuncional de pais e professores, é através do treino de habilidades sociais e educativas. (Bolsoni-Silva e Del Prette, 2003; Greene et al, 2003 apud Serra-Pinheiro, Guimarães e Serrano, 2005; Barletta, 2011). Segundo Silva e Del Prette (2003), há um consenso entre vários autores internacionais sobre a necessidade de focalizar a intervenção na família para os casos dos problemas de comportamento infantil. O treino de habilidades sociais dos pais pode colaborar de forma positiva para o desenvolvimento de práticas disciplinares não-coercitivas na relação destes pais com seus filhos. (Pinheiro et al, 2006 apud Caleiro e Silva, 2012). Para Kaiser e Hester, (1997, apud Bolsoni-Silva e Del Prette, 2003), devem ser ensinadas aos pais, habilidades de “como dar instruções claras, consequenciar positivamente os comportamentos adequados, ignorar e dar time-out para os comportamentos inadequados”. Essas habilidades eram ausentes ou muito pobres na relação dos pais e de alguns funcionários da escola com Raquel.

Podemos estabelecer, de forma bem abrangente, em uma análise mais geral e não-detalhada, dois tipos de ambiente. O ambiente tipo A refere-se a um ambiente mais autoritário, coercitivo, com menores possibilidades de

reforçamento e menor variabilidade de atividades e comportamentos. O tipo B se aproxima do ambiente ideal, saudável para a relação e para o desenvolvimento da criança.

A diferença da incidência dos comportamentos problema é gritante entre os dois tipos de ambiente, sendo muito mais frequente no ambiente tipo A.

Ambiente tipo A	Ambiente tipo B
Pouco acolhedor e atencioso baixo contingente de reforço	Muito mais acolhedor e carinhoso Maior contingente de reforço
Comunicação impositiva e muitas vezes agressiva, pouco assertiva e pouca clara	Comunicação clara e assertiva
Pouca oferta e variabilidade de atividades	Maior oferta de atividades
Raquel tem que ficar quieta e seguir as regras	Raquel pode ajudar e participar
Briga e bronca do alto, sem se aproximar da criança, sem usar empatia para facilitar a compreensão	Dizer de forma clara e assertiva o que está errado e dar exemplo do que se espera que seja feito de forma empática, próxima e na altura da criança.
Incluir Raquel no grupo sem considerar suas necessidades (escola)	Considerar as necessidades de Raquel e tentar incluir Raquel no grupo em momentos oportunos
Falta de autoridade Autoritarismo	Autoridade legitimada e não-autoritária
Falta de ordem e rotina (com os pais)	
ausência de atividades em conjunto dos pais com a filha	
dificuldade dos pais em emitir comandos, dar limites, controlar e monitorar a filha	

uso indiscriminado e excessivo do celular por Raquel	
------------------------------------------------------	--

Tabela representativa de dois estilos de ambiente, sendo o tipo A representado pela mãe, professora da manhã da pré-escola e alguns funcionários da pré-escola. O “ambiente do tipo B” é representado pelas figuras das professoras do primeiro ano e pela professora da tarde da pré-escola. A at também se enquadraria nesta categoria.

Diante de um ambiente autoritário, do tipo A, o comportamento de Raquel tem uma ou mais das funções: contra controlar, fuga e esquiva.

Quando o ambiente é acolhedor, do Tipo B, as contingências são outras, não há necessidade dos mesmos comportamentos. À medida que o ambiente responde de outras formas e exige outras respostas de Raquel, e Raquel desenvolve novas habilidades, as relações tendem a tornar-se mais saudáveis, e os comportamentos disruptivos cada vez mais param de ocorrer.

Conclusão

Uma criança que era tida pelos pais e pela escola como problemática devido a doença (esclerose tuberosa), mostra-se uma criança com bastante capacidade de adaptação, aprendizagem e afeto, quando em ambientes acolhedores e reforçadores, em contraposição a ambientes coercitivos, como eram a maioria dos ambientes da vida de Raquel quando seus problemas de comportamento ocorriam em maior frequência.

Esse caso mostra a importância de uma análise ambiental, não tão focada na pessoa como causa de seus problemas. A literatura evidencia o papel de pais e professores na ocorrência dos problemas de comportamento das crianças, assim como na intervenção. A partir de uma mudança ambiental, o cliente começa a responder melhor, fica mais sensível a novos aprendizados e demandas, e partir daí, pode-se desenvolver várias práticas terapêuticas com a cliente, como ampliar seu repertório, principalmente quanto ao autocontrole, a empatia e o manejo de emoções.

Para que as relações aversivas acabem ou diminuam, é preciso ensinar as outras formas mais funcionais de se relacionar com o mundo. É necessário olhar para os pais e professores, instrumentalizá-los para práticas mais saudáveis, para vidas mais saudáveis para todos, até porque esses adultos são os principais modelos para as crianças.

Fica evidente, portanto, como é importante o at estar atento a todas as relações de seu cliente com o ambiente, afim de poder melhor compreender e então manejar as variáveis que interferem em seu comportamento, para atender às melhores condições de qualidade de vida de seu cliente.

REFERÊNCIAS

- Assis, R. P. (2017) Práticas educativas, problemas de comportamento e habilidades sociais infantis: um estudo correlacional e comparativo de medidas de relato. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Bauru.
- Barletta, Janaína B. (2011) Avaliação e intervenção psicoterapêutica nos transtornos distruptivos: algumas reflexões. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, nº 7, v. 2, p. 25-31.
- Bolsoni-Silva, A. T.; Del Prette, A. (2003) Problemas de comportamento: um panorama da área. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 5(2), 91-103.
- Bolsoni-Silva, A. T.; Maturano, E. M.(2007) A qualidade da interação positiva e da consistência parental na sua relação com problemas de comportamento de pré-escolares. Revista Interamericana de Psicologia. v.41. n.3, p.349-358.
- Caleiro, Fernanda M.; Silva, Rodrigo S. (2012) Técnicas de modificação do comportamento de crianças cm treinamento de pais: uma revisão da literatura. Encontro: Revista de Psicologia. V. 15, nº 23, p. 129-142.
- Serra-Pinheiro, M.A.; Guimarães, M.M.; Serrano, M.E. (2005) A eficácia de treinamento de pais em grupo para pacientes com transtorno desafiador de oposição: um estudo piloto. Rev. Psiq. Clín. nº. 32 v.2; p. 68-72.
- Pergher, G. K., Schneider, D. D. G., & Melo, W. V. (2007). Terapia cognitivo-comportamental para transtorno do comportamento disruptivo. In R. M. Caminha, & C. G. Caminha (Orgs.), A prática cognitiva na infância (pp. 223-252). São Paulo: Roca.
- Zilio, D. (2010) A natureza comportamental da mente. Editora Unesp.

Palavras-chave:Acompanhante terapêutico, problemas de comportamento, habilidades sociais, estilos parentais, escola, Análise do Comportamento análise funcional.

Relación entre las características del ambiente (habilidades sociales de los adultos) y el comportamiento de um infante com esclerosis tuberosa

Resumen

El objetivo del trabajo es basado en la experiencia de la autora en un caso de Atendimiento Terapéutico (AT) de una niña de 5 - 6 años con esclerosis tuberosa, y analizar, bajo un enfoque del análisis del comportamiento, las relaciones entre el ambiente y el comportamiento del infante acompañado, trayendo la comprensión de como esa relación se vuelve más funcional y saludable, proponiéndose una reflexión sobre la importancia del ambiente para el equilibrio del caso. El acompañamiento terapéutico fue realizado durante 9 meses, por indicación del hospital oncológico en que la cliente era vinculada, para colaborar en el trabajo con quejas comportamentales. La queja inicial: comportamientos de arrojarse al suelo, desobediencia, berrinches, mandatos hostiles, amenazar y agredir. Después de un análisis funcional de los comportamientos del infante y de los ambientes escolar y familiar, se observó que en estas interacciones, en la mayor parte del tiempo, había un alto nivel de coerción y control disfuncional y bajos niveles de reforzamiento positivo, pues Raquel recibía poca atención y se encontró una baja vulnerabilidad de las ofertas de las actividades. Se constató dos padrones de ambiente, representados principalmente por los adultos de la vida de Raquel en casa y en la escuela. En general, cuando el ambiente es adecuado, el comportamiento de Raquel cambia y su repertorio puede ser expandido, con la disminución drástica de las quejas iniciales.

Relación entre las características del ambiente (habilidades sociales de los adultos) y el comportamiento de um infante com esclerosis tuberosa

Este trabajo se trata de un análisis derivado de una experiencia en acompañamiento terapéutico. El cliente en cuestión será denominada Raquel y tiene 5 a 6 años de edad. Raquel es paciente de un hospital oncológico debido a la esclerosis tuberosa, un síndrome que forma tumores por todo el cuerpo y exige acompañamiento continuo de nivel preventivo. El equipo de psicología del hospital indicó Raquel al de acompañamiento terapéutico (AT), en que la autora fue el AT, para contribuir con las quejas comportamentales. La queja inicial, segundo los relatos: arrojarse al suelo, gritar y llorar, desobedecer, berrinches, mandos hostiles, amenazar y agredir, generalizado en todos los ambientes. Los problemas de comportamiento pueden ser definidos como excesos o deficiencias comportamentales que perjudican las interacciones sociales del infante (Bolsoni-Silva y Marturano, 2007; Assis, 2017).

A pesar de que los relatos afirman que los problemas de comportamiento se generalizaban en todos los ambientes, a través de la observación y entrevistas con los adultos de la vida de Raquel, fue posible percibir que en algunos momentos y ambientes, la frecuencia de la incidencia de los comportamientos disruptivos era mucho mayor, y en otros la frecuencia era mucho más baja. Luego, fue posible observar semejanzas y diferencias de los contextos en que ocurrían esos comportamientos. De esa forma, el foco de este análisis será el ambiente y su relación con el comportamiento de Raquel, pues, para análisis del comportamiento, “comportamiento es la relación entre el ambiente y acciones de un organismo” (Zílio, 2010, pp. 69)

“El ambiente es cualquier evento que afecte el organismo, pudiendo ser tanto los estímulos de discriminación, así como los eventos consecuentes de la acción” (Zílio, 2010, pp. 69). En el presente caso, analizaremos como ambiente, los comportamientos de los adultos, de la vida de Raquel, que son el principal contexto para el comportamiento de Raquel: padres, profesores,

funcionarios y hasta mismo el at, principalmente, con respecto al papel de las habilidades sociales y educativas, es decir, las formas de interactuar con Raquel.

Las habilidades sociales educativas son el conjunto de habilidades sociales aplicables a la práctica educativa, por ejemplo, el de establecer límites y reglas, así como reforzar positivamente los comportamientos adecuados (Silva, 2000 apud Bolsoni-Silva y Marturano, 2007).

El AT fue realizado por 9 meses, en los locales: pre-escuela, escuela (primer año) (ambos en período integral), y al domicilio. (Sin embargo en el inicio del tratamiento, Raquel faltaba más veces a la escuela de que iba). De esta manera, fue posible la observación de varios ambientes en que los comportamientos de Raquel ocurrían. A partir de observaciones, se percibió que Raquel no se comportaba de manera tan extrema como fue descrito en los relatos. Era una niña alegre, cariñosa y gentil que en varios momentos cambiaba la forma de comportarse y pasaba a tener un comportamiento opositor, reusándose a obedecer los mandatos y reglas provenientes de las figuras de autoridad. De hecho, había momentos en que Raquel se acercaba del relatado “ataque de nervios”, gritando, llorando y se arrojando al suelo. Eso sucedía en varias situaciones, principalmente cuando Raquel era solicitada de hacer algo que no quería, o cuando quería mucho algo que no obtenía. Por otro lado, también: cuando los profesores insistían en ordenar algo que Raquel no obedecería, cuando la intensidad de estímulos contrarios se intensificaba en discusiones con los profesores y colegas, cuando había un público en potencial; cuando era ignorada. Además, cuando todo parecía tranquilo, un factor relacionado a la ocurrencia de estos comportamientos son operaciones establecidas, con el hambre y sueño de Raquel, las cuales eran frecuentes debido a la falta de reglas en su casa.

El modelo de Patterson (1982) demuestra el papel de las relaciones familiares en la construcción de patrones de comportamiento en los hijos. Según Patterson, relaciones correctivas entre los padres y el infante pueden producir y exacerbar comportamientos antisociales (Patterson, et al., 1982;

Pergher et al., 2007). Los problemas de comportamiento del tipo externos, funcionan como un contra-control contra comportamientos aversivos de familiares, reduciéndolos (Patterson, et al, 1982; Bolsoni-Silva y Del Prette, 2003).

Pergher et al(2007) afirma que:

Es consistentemente verificado que el comportamiento disfuncional infantil es una respuesta a un falla de los padres con respecto a la disciplinas de los niños, la cual es marcada por la inconsistencia. Existe una alternancia entre la intransigencia y la permisibilidad, creando un ambiente imprevisible, por veces, hostil. Debido a los vínculos familiares coercitivos, tanto los padres quanto los niños aprenden que pueden obtener aquello que desean por medio de prácticas impositivas. En ese sentido, hay un círculo vicioso cuyo principal motor es el reforzamiento negativo (p.228, 2007).

Esas afirmaciones van de encuentro con los análisis en el caso de Raquel, ya que los comportamientos problemáticos ocurrían, en la grande mayoría de veces, en respuesta al control aversivo de los padres y de los funcionarios de la escuela. Evidentemente, en Raquel había baja tolerancia a la frustración, y bajo auto-control que necesitaban ser trabajados. Sin embargo, cuando Raquel era tratada con consideración, cariño y respeto, sin autoritarismo, pero con establecimiento de reglas de modo claro y assertivo por las profesoras del ambiente tipo B (tabla abajo), Raquel respondía adecuadamente, obedecía y era gentil.

Bolsoni-Silva y Del Prette (2003) presentaron, en revisión, las variables que pueden aumentar la probabilidad del surgimiento o mantener respuestas consideradas como problemas de comportamiento. En el presente caso, destaca:

Con respecto a las características de los padres en la interacción con el niño: déficits en habilidades sociales educativas, tales como: monitorización por parte de los padres, disciplina, resolución de problemas, reforzamiento positivo. Poco interés de los padres por la escuela del hijo (no iban a las reuniones,

permitían muchas faltas), poca integración escuela-familia. Y por fin, bajo nivel de instrucción y desventaja socioeconómica.

Una forma de solucionar el comportamiento disfuncional de los padres y profesores, es a través del entrenamiento de habilidades sociales y educativas (Greene et al, 2003 apud Serra-Pinheiro, Guimarães y Serrano, 2005; Barletta, 2011). Según Silva y Del Prette (2003), existe un consenso entre varios autores internacionales sobre la necesidad de focalizar la intervención en la familia para los casos de los problemas del comportamiento infantil. El entrenamiento de habilidades sociales de los padres puede colaborar de forma positiva para el desarrollo de prácticas disciplinares no- coercitivas en la relación de estos padres con sus hijos (Pinheiro et al, 2006 apud Caleiro y Silva, 2012). Para Kaiser y Hester (1997), deben ser enseñadas a los padres, habilidades de cómo dar instrucciones claras, reforzar positivamente los comportamientos adecuados, ignorar y evitarse los comportamientos inadecuados. Esas habilidades eran ausentes o muy deficientes con respecto a la relación de los padres y de algunos funcionarios con Raquel.

Podemos establecer, de forma amplia, en un análisis más general y no detallado, de los tipos de ambiente. El ambiente tipo A se refiere a un ambiente más autoritario, coercitivo, con menores posibilidades de reforzamiento y menor variabilidad de actividades y comportamientos. El tipo B se aproxima del ambiente ideal, saludable para la relación y para el desarrollo del infante. La diferencia de la incidencia de los comportamientos problema es alarmante entre los dos tipos de ambiente, siendo mucho más frecuente en el ambiente tipo A.

AMBIENTE TIPO A	AMBIENTE TIPO B
Poco acogedor y atento, bajo contingente de refuerzo.	Mucho más acogedor y cariñoso Mayor contingente de refuerzo
Comunicación impositiva y muchas veces agresiva, poco asertiva y poco clara.	Comunicación clara y asertiva.
Poca oferta y variabilidad de actividades.	Mayor oferta de actividades.
Imperativa y con innúmeras reglas para cumplirlas.	Actividades participativas y de cooperación mutua.
Conflictos de alto nivel, sin aproximación al niño y/o infante, sin usar empatía para facilitar la comprensión	Decir de forma clara y asertiva en lo que se equivocó, y dar ejemplo de lo que se espera que sea realizado de forma empática, próximo y al mismo nivel del niño y/o infante.
Incluir Raquel en el grupo sin considerar sus necesidades (escuela)	Considerar las necesidades de Raquel e intentar de incluirla en los momentos oportunos.
Falta de autoridad. Autoritarismo.	Autoridad legítima y no autoritaria.

La tabla presentada es representativa de los dos estilos de ambiente, siendo el ambiente tipo A representado por la madre, profesora por la mañana de la pre-escuela y algunos funcionarios de la pre-escuela. El ambiente tipo B es representado por las figuras de la profesora del primer año y por la profesora de la tarde de la pre-escuela. El at también se encuadraría en esta categoría.

Delante de un ambiente autoritario, del tipo A, el comportamiento de Raquel tiene una o más de las funciones contra controlar, fuga, esquivamente.

Por otro lado, cuando el ambiente es acogedor, del tipo B, las circunstancias son otras, no hay necesidad de los mismos comportamientos. A la medida que el ambiente responde de otras formas y exige otras respuestas de Raquel, y Raquel desarrolla nuevas habilidades, las relaciones tienden a volverse más saludables, y los comportamientos disruptivos cada vez más paran de ocurrir.

Un niño y/o infante que era considerado por los padres y por la escuela como problemático debido a la enfermedad (esclerosis tuberosa), se muestra un niño con bastante capacidad de adaptación, aprendizaje y afecto, cuando se encuentra en ambientes acogedores y reforzados, en contraposición a ambientes coercitivos, como eran la mayoría de los ambientes de la vida de Raquel cuando sus problemas de comportamiento ocurrían en mayor frecuencia.

Ese caso muestra la importancia de un análisis ambiental, no tan centralizada en la persona como causa de los problemas. La literatura evidencia el papel de los padres y profesores en la ocurrencia de los problemas de comportamiento de los niños, así como en la intervención. A partir de un cambio ambiental, el cliente comienza a responder mejor, queda más sensible los nuevos aprendizajes y demandas, y a partir de aquello, puede desenvolverse varias prácticas terapéuticas con el o la cliente, como ampliar su repertorio, principalmente con respecto al auto-control, la empatía y el manejo de emociones.

Para que las relaciones aversivas acaben o disminuyan, es preciso enseñar las otras formas más funcionales de relacionarse con el mundo. Es necesario mirar4 para los padres y profesores, instrumentalizarlos para prácticas más saludables para vidas más saludables para todos, hasta porque esos adultos son los principales modelos para niños.

Permanece evidente , por lo tanto, la importancia del estar atento a todas las relaciones de su cliente con el ambiente, a fin de mejor comprender y manejar las variables que interfieran en su comportamiento, para atender las mejores condiciones de calidad de vida de su cliente.

REFERÊNCIAS

- Assis, R. P. (2017) Práticas educativas, problemas de comportamento e habilidades sociais infantis: um estudo correlacional e comparativo de medidas de relato. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Bauru
- Barletta, Janaína B. (2011) Avaliação e intervenção psicoterapêutica nos transtornos disruptivos: algumas reflexões. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, nº 7, v. 2, p. 25-31.
- Bolsoni-Silva, A. T.; Del Prette, A. (2003) Problemas de comportamento: um panorama da área. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 5(2), 91-103.
- Bolsoni-Silva, A. T.; Maturano, E. M.(2007) A qualidade da interação positiva e da consistência parental na sua relação com problemas de comportamento de pré-escolares. Revista Interamericana de Psicologia. v.41. n.3, p.349-358.
- Caleiro, Fernanda M.; Silva, Rodrigo S. (2012) Técnicas de modificação do comportamento de crianças cm treinamento de pais: uma revisão da literatura. Encontro: Revista de Psicologia. V. 15, nº 23, p. 129-142.
- Serra-Pinheiro, M.A.; Guimarães, M.M.; Serrano, M.E. (2005) A eficácia de treinamento de pais em grupo para pacientes com transtorno desafiador de oposição: um estudo piloto. Rev. Psiq. Clín. nº. 32 v.2; p. 68-72.

Pergher, G. K., Schneider, D. D. G., & Melo, W. V. (2007). Terapia cognitivo-comportamental para transtorno do comportamento disruptivo. In R. M. Caminha, & C. G. Caminha (Orgs.), A prática cognitiva na infância (pp. 223-252). São Paulo: Roca.

Zilio, D. (2010) A natureza comportamental da mente. Editora Unesp.

Palabras clave: acompañante terapéutico, problemas de comportamiento, habilidades sociales, estilos de parentesco, análisis del comportamiento, análisis funcional.

Eixo-temático: A técnica do AT e seus campos de atuação. Subdivisão: escola